



FAVELFIS

OUTRA HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO
DO ESPAÇO URBANO CARIOCA

FELICIDADE
TECNOLOGIA



Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Inês Leonor Nunes
Julho de 2008

Prova Final orientada pelo Prof. Dr. José António Bandeirinha

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os que me ajudaram na concretização deste trabalho, principalmente aos meus pais e a toda a minha família brasileira (Manoela, Cristina, Júlio, Juliana, Alberto e Sandra), pelo carinho e calor com que me acolheram sempre na sua casa e na sua vida, por me terem incluído na sua rotina brasileira, por morarem na Barra da Tijuca e me 'obrigarem' a passar duas vezes ao dia na Rocinha, e por todo o apoio e força nesta Prova. Seguidamente, ao Professor António Bandeirinha, pela orientação, ajuda e simpatia; ao Lourenço, ao Arquitecto António Monteiro, ao Cláudio e ao Bacaxá, por toda a disponibilidade, ajuda e boa vontade na recolha de informações na viagem ao Brasil, e em fases posteriores do trabalho; à Joana e à Zen, pela longa e forte amizade, e pelo apoio técnico na revisão, formatação e paginação da Prova; ao Ny e ao Anjinho, pelas conversas sobre o tema, pela amizade, e por me acalmarem nos momentos de desânimo e estarem comigo nos momentos de alegria; ao Filipe, pelo afecto e estima; aos Rattys, pela companhia insubstituível e estabilizadora. E por fim, à Dina, da Biblioteca da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo de São Paulo, por me ter facilitado a requisição, num curto período, de mais livros do que os que seriam permitidos; e ao Fernando e ao moço da loja de fotocópias, por terem fotocopiado, quase de um dia para o outro, o material dispensado pela FAUUSP.



Fábio Sombra 00



“Visiting the favelas of Rio de Janeiro is both an exhilarating and a devastating experience.”

Tosiko Mori (HUGSD, 2003, 50)

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Agradecimentos | 3 |
| Índice | |
| INTRODUÇÃO | 8 |
| LAISSEZ-FAIRE | 13 |
| 6 O mito originário da primeira favela | 15 |
| Cortiços, os pais das favelas | 17 |
| A favela em cima da estética parisiense | 20 |
| O Plano Agache | 23 |
| A visão do Modernismo | 25 |
| Getúlio Vargas, o "Salvador da Pátria"; Pedro Ernesto, o "político dos pobres" | 27 |
| BUSCA DAS PRIMEIRAS SOLUÇÕES | 31 |
| A experiência dos Parques Proletários Provisórios | 33 |
| A Fundação Leão XIII | 39 |
| A favela em números desencadeia a Batalha do Rio | 41 |
| O "desfavelamento humanizado" da Cruzada de São Sebastião | 43 |
| REMOÇÃO | 47 |
| Carlos Lacerda e a política remocionista | 49 |

| | |
|--|------------|
| TRÊS CASOS: | 59 |
| Maré, marco da política dos conjuntos habitacionais periféricos | 60 |
| Um caso de remoção (São Paulo - Jardim Edith) | 68 |
| Brás de Pina, a exceção à regra | 73 |
| URBANIZAÇÃO | 77 |
| O início da urbanização | 79 |
| A urbanização definitiva: o Favela-Bairro, "a truly humanist urbanism" | 82 |
| AS FAVELAS NOS DIAS DE HOJE | 93 |
| O retorno a velhos conceitos | 95 |
| DOIS EXEMPLOS PERTINENTES: | 102 |
| Alexandre Delijaicov semeia "praças de equipamentos sociais" | 103 |
| Alejandro Aravena, habitação social dinâmica e ampliável | 105 |
| ROCINHA | 109 |
| Rocinha, um exemplo de evolução | 111 |
| CONCLUSÃO | 129 |
| Origem das ilustrações | 131 |
| Bibliografia | 136 |

Falar de problemas mundiais no campo habitacional é falar de subdesenvolvimento, de pobreza, de questões ambientais, higiênicas, de saúde... e de favelas.

Atribuindo-lhe qualquer uma das diversas faces, através das quais elas se podem formalizar, estes aglomerados informais, pobres, ilegais e com carências generalizadas, às quais já se chamou “vivendas de gente pobre em países quentes” (GOULART, 1957, 25), existem e vieram mesmo para ficar.

Embora o termo mais genérico seja *slum*, a “névoa epistemológica” (DAVIS, 2006, 54) é gradativa e difusa. As designações multiplicam-se à mesma velocidade estonteante com que estes aglomerados proliferam pelo mundo. Variam, principalmente, consoante a sua proveniência geográfica (África, Ásia ou América Latina) e tipológica: *barriada*, *rancho*, *bairro de lata*, *shanty-town*, *bidonville*, *desakota*... ou os nomes mais recentes: *megafavela*,¹ *neofavela*,² “*semifavela e superfavela*.”³

Em 2006, já um terço da população mundial vivia em *slums* e, segundo as previsões da ONU, estes números tendem a subir: em 2020, a pobreza urbana mundial rondará os 45% ou 50% e, em 2030, haverá dois biliões de pessoas a viver nestas condições (DAVIS, 2006, 155).

Por esta altura, a urbanização do Planeta já deve ter ocorrido. Pela primeira vez na História a população urbana supera a rural. No entanto, “o mercado habitacional formal do Terceiro Mundo raramente oferece mais de 20% do estoque de residências” necessárias, “tornando assim sinónimos ‘urbanização’ e ‘favelização’” (DAVIS, 2006, 27) deixando cada vez mais o mundo cobrir-se por uma manta de favelas, que alastra de dia para dia, e com a qual temos de saber lidar enquanto arquitectos.

Davis (2006, 37) fala da existência de 200 mil *slums* em 2006, que podem ir das dezenas de habitantes até aos 4 milhões⁴. Continuando com a exemplificação da diversidade inerente ao fenómeno, podemos falar de *slums* planos ou em morro; com falta de infra-estrutura ou com mais condições do que muitos bairros da cidade formal; com tráfico de drogas ou sem ele; constituídos por casebres, palafitas, barracos ou por casas de alvenaria; localizados perto de matas, à beira de rios, entre linhas de comboio ou vias rápidas; situados na periferia distante ou no coração da cidade. Parece diversidade quanto basta para que se pare de catalogar esta realidade (e, por consequência, os seus habitantes) como algo plano e singular, quando afinal, tal como nos bairros formais, cada qual tem a sua especificidade. De facto, há “muitos mundos dentro do que, simplisticamente” chamamos “por um só nome” (SANTOS, 1981, 13). Um universo plural, díspar e heterogéneo.

¹ Davis (2006, 37) fala em *megafavela* quando se dá uma fusão de várias favelas “em cinturões contínuos”.

² Termo usado por OLIVEIRA (2007, 12) referindo-se às favelas mais sofisticadas, onde há tudo, desde escolas e postos de saúde, até emissora de rádio, canal de televisão e jornal próprios e onde os barracos têm todas as condições do asfalto, desde água canalizada, esgoto, electricidade, telefone, internet e televisão por cabo, fazendo com que as parabólicas proliferem pelos telhados.

³ Expressões de Patrick Geddes, citado em Davis (2006, 9).

⁴ Davis (2006, 38) refere-se à conurbação das favelas Neza/Chalco/Izta, da Cidade do México, enquanto a *megafavela* mais populosa, segundo dados de 2005.

Assim, perante tal complexidade, ao lado dos caminhos que a Arquitectura terá de percorrer enquanto *star-system* e no desenvolvimento das cidades do Primeiro Mundo, estão também os desafios representados pelo défice habitacional desta massa populacional informal, que não pára de crescer. Em 2003, entre os casos mais preocupantes, tínhamos países africanos como a Etiópia ou a Nigéria, cuja população residente neste tipo de aglomerados chegava, respectivamente, aos 99,4% e aos 79,2 % (DAVIS, 2006, 34). O Brasil, embora não apresente números tão catastróficos, não deixam, por isso, de ser alarmantes: 36,6% da população urbana, cerca de 51,7 milhões de pessoas, viviam nos *slums* brasileiros, isto é, nas favelas.

É exactamente ao contexto brasileiro que me vou referir no presente trabalho, no qual as favelas são um fenómeno omnipresente. Em todas as cidades, mais no centro ou mais na periferia, mais escondidas ou mais expostas, mais antigas ou relativamente recentes, elas participam na vida urbana e dão um contributo essencial para o seu funcionamento, enquanto parte activa da metrópole. Podendo apresentar uma diversidade formal, topográfica e dimensional infinita, ao longo da história o pensamento sobre elas tem variado.

“Indiferença, desprezo, irritação, entusiasmos, incompreensão e algumas vezes, exploração política: eis a atitude da Cidade para com as favelas” (PARISSE, 1969, 37) ao longo deste já mais de um século da sua existência. Ao início, “todos concordam em acabar com a favela. Porém, os espíritos mais abertos começam a vislumbrar que a favela é uma realidade complexa, inevitável na situação global do País e da Cidade” (PARISSE, 1969, 37), que faz parte dela e do seu processo de urbanização, que vive ao seu ritmo, desenvolve-se consoante as suas fases e ciclos, acompanha as suas frentes urbanas e move-se com ela.

Actualmente, não mais é possível apartá-la da cidade, não mais podemos julgar os favelados como um conjunto de vagabundos e miseráveis que fazem a desgraça da urbe dos ricos, culpando-os pela violência brasileira. Chega de mitos e de preconceitos seculares, baseados essencialmente nos interesses do poder instituído, injustamente colocados nas costas destas populações que já têm demasiados fardos para carregar.

Desde a não política do *laissez-faire*, passando por soluções provisórias, até à luta pela sua extinção total e depois por um processo paulatino de urbanização, chegámos aos dias de hoje, onde elas constituem um vasto campo de intervenções e de necessidades urgentes, para a criação de uma metodologia e de uma prática interventiva. Ou seja, onde elas constituem um verdadeiro desafio à Arquitectura contemporânea.

Por tudo isto, é inevitável mostrar este outro lado da Arquitectura actual, esta dicotomia entre o luxo e o lixo, na qual “as cidades do futuro, em vez de feitas de vidro e aço, como fora previsto por gerações anteriores de urbanistas, serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, blocos de cimento e restos de madeira.” Incontornavelmente, nem só de “cidades de luz arrojando-se aos céus” se farão os desafios da Arquitectura do futuro, “boa parte do mundo urbano do século XXI instala-se na miséria, cercada de poluição, excrementos e deterioração. Na verdade, o bilhão de habitantes urbanos que moram nas favelas pós-modernas podem mesmo olhar com inveja as ruínas das robustas casas de barro de Catal Hiiyik, na Anatólia, construídas no alvorecer da vida urbana há 9 mil anos” (DAVIS, 2006, 28/9).

E também porque são necessárias contribuições para uma melhor compreensão deste fenómeno, proponho-me, com esta Prova, seguir o trabalho de muitos e importantes autores, na luta pelo seu verdadeiro conhecimento. Compreendê-lo é essencial para que seja possível derrubar falsas ideias e encontrar soluções adequadas e à altura do desafio.

Falando especificamente desta Prova, posso adiantar que a minha intenção sempre foi tratar o universo favela, embora o tema específico só tenha surgido *a posteriori*. O interesse veio no âmbito do ano de *Erasmus* realizado na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica), no qual sempre me fui deparando com a realidade favelada, antes completamente desconhecida no meu leque de conceitos urbanos. Inicialmente em Copacabana, no primeiro alojamento provisório perto da favela Pavão-Pavãozinho; pouco depois no caminho diário PUC-Barra da Tijuca, passando pela Rocinha duas vezes ao dia; posteriormente, noutra apartamento em Ipanema, na Rua Alberto de Campos, perto da favela Cantagalo; e, por fim, em incursões pontuais.

O contacto gerou a curiosidade, depois o deslumbramento, e foi a necessidade que senti em entender a favela em toda a sua complexidade e em todos os seus âmbitos, que me levou a escolhê-la como tema para esta prova de fim de curso, momento de reflexão e de tomada de uma posição mais concreta em relação à Arquitectura enquanto disciplina.

10 Claro que, quando se faz uma investigação sobre o que quer que seja, não é possível abarcar todas as áreas relacionadas. Limitação, porém, necessária e comum a qualquer tema que é, à partida, um campo praticamente infinito de possibilidades. Assim, embora gostasse de fazer um trabalho o mais completo possível, seria inadequado perante o objectivo intrínseco desta Prova, além de que ficaria sempre incompleto, arriscando-me a não me centrar convenientemente em nenhuma das áreas.

Deste modo, assumindo como objectivo número um falar de favela, estudá-la para a compreender e, analisando a imensidão inesgotável de temas e matizes dentro de cada um, achei por bem escolher o que, a mim, e perante a minha maneira de pensar, considere ser, talvez, o único imprescindível, inultrapassável, essencial: conhecer o porquê do agora que, inevitavelmente, levou a um recuo no tempo para chegar a uma sequência cronológica, a uma 'história' geral do processo de formação, desenvolvimento e consolidação da favelização no Brasil. Foi aqui que residiu a escolha específica dentro do tema favela, não por ser o mais interessante ou o meu preferido, mas porque me pareceu que, para alguém não brasileiro, seria o único que não poderia saltar sem ficar tratado, o ponto de partida para investigações vindouras, a base essencial a partir da qual poderei futuramente progredir.

Quanto ao palco da investigação, escolhi o Rio de Janeiro, por ter sido a Cidade Maravilhosa o berço da primeira favela (conhecida), e porque é onde esta está mais ligada à urbe, pela topografia, que a faz presença constante.

Depois de descrever e analisar as principais fases da evolução das favelas cariocas, termino a Prova, fazendo alusão a novos arquitectos que abrem portas à resolução, à escala mundial, da questão habitacional, que é, acima de tudo, uma preocupação social internacional, como o é a fome, a sida, a água potável, as disputas territoriais, etc. E, se toda a Humanidade tem de interagir e se ajudar, a Arquitectura é uma óptima ferramenta para materializar essa ajuda. É um meio que, embora não podendo, por si, como gostaria Carlos Nelson Ferreira

dos Santos, resolver todos os problemas, aliada a outros meios, pode mudar muita coisa.

A bibliografia consultada foi trazida praticamente na íntegra do Brasil, quer das livrarias convencionais, quer das bibliotecas da FAUUSP (Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) e da PUC-Rio, já que as Universidades de Arquitectura públicas do Rio de Janeiro, tanto a UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) como a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), aquando da minha estadia para recolha bibliográfica, entre Agosto e Setembro de 2007, encontravam-se num longa greve, da qual não se previa desmobilização anterior a Janeiro de 2008.

Por esta razão, e embora sendo claro que as realidades faveladas das várias cidades brasileiras são inquestionavelmente divergentes, e perante a ‘inata’ proeminência do Rio, enquanto a cidade onde a realidade favela assume maior significado no que diz respeito à verdadeira acepção da palavra, e também onde o leque de políticas e de reacções foi mais fervilhante, não deixo, por isso, de inserir alguns casos paulistas, sempre que a oportunidade se revele conveniente e que o exemplo, embora sendo proveniente de São Paulo, se adequa perfeitamente à ideia que se quer transmitir e esteja incluído na franja comum que, apesar da enorme diversidade contextual, ainda aponta para uma certa transversalidade, persistente em alguns campos relacionados com este tema, sem nunca entrar no domínio específico das políticas deste município, em tudo distintas das cariocas, dado que, acima de tudo, são pensadas para realidades, também elas, absolutamente distintas.

